



Alta tensão em reunião de emergência da bancada socialista

Parlamento. A prestação unida, ontem, do PS, na votação do Orçamento do Estado, foi antecedida de uma reunião da bancada onde os ânimos se exaltaram

JOÃO PEDRO HENRIQUES

Houve um momento, na reunião de quinta-feira à noite na bancada do PS, em que alguns pensaram que a conversa poderia evoluir para um cenário sul-coreano de chapa-da e pontapé. Foi quando Renato Sampaio, líder do PS-Porto, gritou para Manuel Mota (eleito por Braga): "Isso é um insulto!" e "isso eu não te admito!".

Manuel Mota tinha acabado de acusar Renato Sampaio de adoptar um "princípio trotskista" por exigir a "responsabilização" dos que, na bancada do PS, expressassem no plenário da AR as suas reservas ao OE 2011 sob a forma de declarações de voto. "Há camaradas que só se preocupam em interiorizar a mensagem da oposição. Há camaradas que se tentam promover com tristes manifestações de populismo. Espero que amanhã [ontem, dia da votação final do OE] não tenhamos declarações de voto em catadupa", dissera o líder do PS-Porto - figura tida como muito próxima do primeiro-ministro, José Sócrates.

Manuel Mota não gostou destas palavras e falou na tal actuação "trotskista", os ânimos exaltaram-se e só acalmaram depois de a direcção da bancada pedir "elevação" na discussão.

Norma "feita à pressa"

Ao iniciar a reunião, pelas 22.00 de quinta-feira, Francisco Assis sabia que tinha um grupo parlamentar muito agitado com a questão das alegadas excepções em empresas como a CGD aos cortes salariais na função pública (excepções que o Governo desmente). Por isso começou por homenagear Afonso Candal, o principal pivô do grupo em questões orçamentais, que está de saída do Parlamento (renunciou por motivos pessoais). Assis admitiu, ele próprio, que a norma parecia "feita à pressa".

Manuel Seabra, da direcção da bancada, verbalizou então a principal preocupação desta: "Acho que não devíamos dar mais um triste espectáculo das declarações de voto, a que, infelizmente, já estamos a ficar habituados."

Seguro faz sugestões

Nessa altura já Marcos Sá tinha voltado a reafirmar a sua indignação perante a referida interpretação da norma, repetindo, no essencial, uma intervenção que fizera numa reunião do grupo há uma semana. "Depois de cortarmos nos abonos, agora não cortamos em ordenados que são mais de 2000 euros/mês em média."

Strecht Ribeiro, da direcção da bancada, desmentia esta visão: "Quero que me digam onde diz que a Caixa [Geral de Depósito] ou qualquer outra empresa têm excepção [no corte dos salários]. Digam!"

António José Seguro, pelo seu lado, fazia uma sugestão: "Quero fazer aqui uma proposta: o membro do Governo que [hoje] encerrar o debate do Orçamento do Estado para 2011 que clarifique com objectividade quais as orientações que serão dadas [pelo Executivo] ao sector empresarial do Estado." Também se referiu à questão dos dividendos (empresas como a PT anteciparam a sua distribuição pelos accionistas para evitar serem taxadas por normas do OE 2011): "Para evitar problemas futuros, sugiro que o Grupo Parlamentar do PS e o Governo encontrem uma solução autónoma do Orçamento para a taxa da distribuição antecipada de dividendos."

Ontem, ao chegar o momento da votação final em plenário do OE 2011, faziam-se apostas. Quantas declarações de voto surgiriam no PS. O balão esteve mais de uma semana a encher e esvaziou-se em menos de um minuto: um único deputado anunciou essa intenção (Luís França, da Madeira).

“
Não devíamos dar
mais um triste
espectáculo das
declarações de voto”

MANUEL SEABRA
VICE-PRESIDENTE BANCADA PS

Acho que isto
devia ter sido
preparado com
mais tempo”

FRANCISCO ASSIS
LÍDER BANCADA PS

Há camaradas que
se promovem com
manifestações de
populismo”

RENATO SAMPAIO
DEPUTADO PS PORTO